



Exu não é satã: o rap nacional e o combate ao racismo religioso nas aulas de Sociologia

Exu is not the devil: brazilian rap and the fight against religious racism in Sociology classes

Rogério da Palma

Professor Associado (UEMS); Doutor em Sociologia pela UFSCar.
E-mail: rpalma@uems.br

Fernanda Cecília Alves Gonçalves de Campos

Professora da rede pública e privada do estado de Mato Grosso do Sul; Especialista em Políticas Públicas, Cultura e Sociedade pela UEMS.
E-mail: fernanda_cecilia.a.g@hotmail.com

Natália da Silva Miranda

Ex Graduanda de Ciências Sociais - UEMS, Paranaíba.
E-mail: nati.miranda09@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem a intenção de apresentar uma pesquisa realizada junto a alunos de Ensino Médio de uma escola do município de Paranaíba, situado no nordeste do estado de Mato Grosso do Sul. Na ocasião do estudo, pretendeu-se, a partir da utilização em sala de aula da obra de dois *rappers* brasileiros (Rincón Sapiência e Baco Exu do Blues), formular e implementar estratégias didáticas voltadas para o combate ao racismo religioso, em especial nas aulas de Sociologia. No intuito de se concretizar ações para uma educação antirracista, a ideia central foi apresentar aos alunos como a estética presente na obra desses artistas (letras, batidas, imagens, vestuários, coreografias etc.) carrega uma crítica ao racismo religioso presente na sociedade brasileira, demonstrando como certa parcela da nossa população sofre violentamente com essa situação. Argumentaremos que é fundamental pensar estratégias didático-pedagógicas de combate ao racismo religioso exatamente por ele se firmar, historicamente, como um dos pilares centrais das desigualdades raciais no Brasil, sendo o seu combate, especialmente no âmbito da escola, um dos principais desafios enfrentado pelas políticas voltadas para uma educação antirracista.

Palavras-chaves: Racismo religioso. Rap nacional. Ensino de Sociologia.

Abstract

This article intends to present a research carried out with high school students from a school in the municipality of Paranaíba, located in the northeast of the state of Mato Grosso do Sul. At the time of the study, it was intended, based on use in classroom of the work of two Brazilian rappers (Rincón Sapiência and Baco Exu do Blues), formulate and implement didactic strategies aimed at combating religious racism, especially in Sociology classes. In order to implement actions for anti-racist education, the central idea was to present to students how the aesthetics present in the work of these artists (lyrics, beats, images, clothing, choreography, etc.) carry a criticism of the religious racism present in Brazilian society, demonstrating how a certain portion of our population suffers violently from this situation. We will argue that it is essential to think about didactic-pedagogical strategies to combat religious racism precisely because it has historically established itself as one of the central pillars of racial inequalities in Brazil, with its combat, especially within the school, being one of the main challenges faced by policies aimed at anti-racist education.

Keywords: Religious Racism. Brazilian rap. Teaching Sociology.

Introdução

Segundo dados do então Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, houve 571 denúncias de intolerância religiosa no Brasil no ano de 2021, mais do que o dobro de registros compilados em 2022. Em mais da metade desses casos, as vítimas são praticantes das religiões de matriz afro¹. Tais números podem estar subestimados, haja vista que nem todas as violências de caráter religioso acabam sendo denunciadas. Eles servem, no entanto, para chamar a atenção sobre como essa prática de discriminação tornou-se visível na sociedade brasileira, exigindo medidas para o seu combate. Em 5 de janeiro de 1989, ano da promulgação da atual Constituição, a intolerância religiosa já foi tipificada como crime através da Lei n. 7.716, alterada posteriormente, em 15 de maio de 1997, pela Lei n. 9.459. Em 27 de dezembro de 2007, foi sancionado, por meio da Lei n. 11.635, que todo 21 de janeiro será o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa. Os casos tipificados como intolerância religiosa são diversos: xingamentos, uso de determinadas expressões (como "volta para o mar, oferenda!", "chuta que é macumba!" e "magia negra"), olhares de

¹ <https://www.brasildefato.com.br/2022/01/21/em-2021-foram-feitas-571-denuncias-de-violacao-a-liberdade-de-crenca-no-brasil>, acessado em 20/03/2022, às 14:30 horas.

recriminação, impedimento de entrada em certos lugares, invasão de encontros, depredação de locais de expressão religiosa, agressão física etc.

Com a promulgação da Constituição de 1988, e após anos de lutas dos movimentos antirracistas, intensifica-se, no Brasil, a formulação e implantação de políticas educacionais antirracistas. A Lei 10.639/03, aprovada no ano de 2003, acrescentou dois artigos à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira por meio de temas como história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. Cinco anos depois, a lei nº 11.645 é sancionada e passa a incluir também as populações indígenas. Por meio da desconstrução de uma visão de mundo eurocêntrica e da valorização dos aspectos da cultura e da história africana e dos afrodescendentes, pretende-se combater o racismo e, dessa forma, atenuar/eliminar as desigualdades raciais, produzindo uma educação multicultural e antirracista (Abreu; Mattos, 2008)

Anos após a promulgação da Lei, sua aplicação ainda enfrenta diversos desafios. No que diz respeito especificamente ao racismo religioso, pode-se afirmar que o ensino acerca das religiões de matriz afro enfrenta forte resistência. Professores relatam a dificuldade em dissociá-las, na mente dos alunos, de práticas que são “demonizadas” pela religião desses últimos.

Desafio ainda maior, no que se refere à promoção de uma educação antirracista, parece enfrentar a disciplina de Sociologia. Devido ao seu histórico de intermitências na educação brasileira, somente nos tempos atuais, após o estabelecimento da sua obrigatoriedade no Ensino Médio de todo o país, tal campo de conhecimento vem desenvolvendo reflexões sistemáticas acerca das suas particularidades pedagógicas. Antes confinada nas universidades brasileiras, a Sociologia constituiu-se, no Brasil, primordialmente voltada para a área de pesquisa, deixando em segundo plano a sua orientação para o ensino².

Diante disso, o presente artigo tem a intenção de apresentar uma pesquisa realizada junto a alunos de Ensino Médio de uma escola do município de Paranaíba, situado no nordeste do estado de Mato Grosso do Sul. Na ocasião do estudo, pretendeu-se, a partir da utilização em sala de aula da obra de dois *rappers* brasileiros (Rincón Sapiência e Baco Exu do Blues), formular e implementar estratégias didáticas³ voltadas para o combate ao racismo

² Embora antes já estivesse institucionalizada em algumas unidades da federação, foi somente em 2008, por meio da Lei 11.684, que a Sociologia se tornou obrigatória no Ensino Médio de todo o país. Para uma história das intermitências da Sociologia na Educação Básica Brasileira, assim como das lutas que culminaram na referida legislação, consultar Bodart, Azevedo e Tavares (2020), Oliveira (2013) e Moraes (2011). Para se inteirar acerca dos desafios pedagógicos e institucionais dessa disciplina no Ensino Médio, ler Oliveira (2021), Moraes (2003) e Pereira (2015).

³ [...] podemos definir a estratégia didática como uma ação docente planejada e dotada de intencionalidades pedagógicas que, associadas aos recursos didáticos, possibilitam a construção e o compartilhamento de conhecimentos escolares” (Bodart, 2021, p. 18).

religioso, em especial nas aulas de Sociologia. No intuito de se concretizar ações para uma educação antirracista, a ideia central foi de apresentar aos alunos como a estética presente na obra desses artistas (letras, batidas, imagens, vestuários, coreografias etc.) carrega uma crítica ao racismo religioso presente na sociedade brasileira, demonstrando como certa parcela da nossa população sofre violentamente com essa situação. Nesse sentido, será exposto, primeiramente, a conexão das práticas de intolerância religiosa com o racismo estruturalmente constituído em nossa sociedade, por meio da definição do termo racismo religioso. Posteriormente, faremos uma breve exposição da obra dos dois *rappers* abordados neste estudo, assim como uma justificativa para sua utilização em sala de aula. Por fim, será descrita e analisada a experiência de aula efetivada a partir da pesquisa proposta. Argumentaremos que é fundamental pensar estratégias didático-pedagógicas de combate ao racismo religioso e, assim, contribuir com uma educação que seja antirracista e fomente a construção de uma sociedade mais justa socialmente. A desconstrução do racismo passa pela desconstrução de um dos seus elementos centrais historicamente: o racismo religioso.

Intolerância religiosa ou racismo religioso?

Prefere-se, ao invés de intolerância religiosa, utilizar o termo *racismo religioso*. A primeira expressão, muito empregada pela mídia e na linguagem jurídica, parece insuficiente quando se trata da análise propriamente sociológica acerca desse tema. Isso porque ela passa a impressão de estarmos lidando simplesmente com manifestações individuais de uma forma específica de violência simbólica, verbal, psicológica, física e/ou patrimonial. A categoria racismo religioso, por sua vez, faz referência ao caráter histórico-estrutural de determinado fenômeno de subalternização social. As religiões afro-brasileiras são as principais vítimas do ódio religioso. Os atos de intolerância religiosa contra elas estão vinculados, nesse sentido, ao próprio racismo que estrutura a sociedade brasileira. Em entrevista ao jornal “Brasil de fato”, a advogada Gabriela Ramos fez a seguinte declaração:

Ao falar de intolerância religiosa a gente acaba tratando dos sintomas e não da doença. A gente acaba lidando com as manifestações e não com a estrutura em si. E eu acho que não adianta a gente lidar o tempo todo com os casos, mesmo que juridicamente, se a gente não consegue chegar na estrutura racializada do nosso país, do Estado, e a partir disso enfrentar o problema que é desestruturar esse racismo.⁴

Dessa maneira, seria correto afirmar que o conceito de racismo religioso está ligado a outro conceito: ao de *racismo estrutural*. Esse termo surgiu para definir o racismo não como

⁴ <https://www.brasildefatoba.com.br/2019/07/11/por-que-racismo-religioso-e-nao- apenas-intolerancia-religiosa>, acessado em 20/03/2020, às 16 horas.

simplesmente um comportamento individual, mas sim como um processo político que estrutura posições sociais. Dito de outra maneira, o racismo se configura, sempre, como uma *relação social de poder* que cria vantagens e desvantagens, não circunstanciais, no processo de competição pelos bens materiais e simbólicos de uma determinada sociedade. Nas palavras de Silvio Almeida, autor do livro acerca do conceito:

A tese central é a de que *o racismo é sempre estrutural*, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2019, p. 20-21).

A intolerância religiosa pode, desse modo, ser classificada como qualquer forma de discriminação fundamentada na diferença religiosa. Ela diz respeito a atos isolados de violência, sem conseguir alcançar os mecanismos sociais que alimentam essas práticas. O racismo religioso, por seu turno, remete às expressões propriamente religiosas de desigualdade e violência sistemáticas formatadas pelo racismo que estrutura a nossa sociedade. Alguns autores preferem enquadrar o racismo religioso como parte do que eles chamam de “racismo epistêmico”. O racismo epistêmico, uma construção colonial, seria a inferiorização dos saberes/conhecimentos pertencentes a grupos racialmente discriminados. Sua consequência última seria o epistemicídio. Renato Nogueira, professor de filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, define o epistemicídio como a colonização, o assassinato e a recusa da produção de conhecimento de determinados povos, no caso brasileiro, o negro e indígena. “Falar em epistemicídio no Brasil remonta ao processo de colonização, ou seja, é uma invisibilidade, uma recusa à produção africana/indígena de conhecimento”. Em outras palavras, seria a negação da capacidade dos povos não brancos em produzir conhecimentos. É quando a morte simbólica antecede – e alimenta – o extermínio físico de coletividades⁵.

É impossível, assim, entender os ataques contra as religiões afro-brasileiras sem levar em conta o racismo estrutural brasileiro. Lucas Obalera de Deus (2018), ao pesquisar notícias de jornal sobre casos de intolerância religiosa contra praticantes de religiões de origem afro, confirma que o racismo é uma categoria central para se pensar essas experiências de violência.

A proposta teórico-metodológica de colocar o racismo no centro da reflexão ao longo desse trabalho teve o intuito de levantar uma discussão acerca das

⁵Consultar: <https://www.almapreta.com/editorias/realidade/epistemicidio-a-morte-comeca-antes-do-tiro>, acessado em 18/03/2020, às 10 horas. Para saber mais sobre a relação entre intolerância religiosa e racismo, ler Sidnei Nogueira (2020).

dinâmicas raciais subjacentes à violência e à perseguição às religiões de matriz africana, uma vez que estas são religiões que vivenciam uma forma de ser e existir negroafricana. Uma abordagem que nos ajuda a compreender o significado de uma estrutura de poder racializada na própria construção de um terreno fértil ao aniquilamento de um complexo cultural civilizatório negroafricano corporificado e vivenciado dentro das religiões de matriz africana (Deus, 2018, 146).

A perseguição às religiões de matriz afro não é um fenômeno recente. Há toda uma história por trás da construção do racismo religioso. Em todos os países do continente americano, ele começa já durante o período colonial, quando a escravização, seja de indígenas ou africanos, estava associada a um projeto de evangelização, sendo proibida qualquer manifestação religiosa que não se enquadrasse nos preceitos do catolicismo. O projeto era converter esses povos ao cristianismo. Sob o olhar etnocêntrico dos colonizadores⁶, as religiosidades africanas eram vistas como “feitiçaria”, “magia” ou “espiritismo”.

Com o fim do período colonial, essas práticas continuaram sob controle institucional. Durante a Primeira República, e ao longo de quase todo o século XX, as práticas das religiões afro-brasileiras foram novamente criminalizadas, contando com criação da Delegacia de Jogos e Costumes, responsável pelo registro e concessão de alvará para os terreiros de Umbanda e Candomblé. Esses fatos demonstram a associação clara dos cultos africanos ao mal, da figura da religião negra ao menos evoluído, ao engano e ao charlatanismo. Também se pode observar o aspecto moral e discriminatório na criminalização das religiosidades negras, tanto no início do século XIX como no século XX, onde há diferença na comparação entre o tratamento e condenação dos ritos africanos e do espiritismo “branco” (Fernandes, 2017, p. 121). Desde a era das grandes navegações, portanto, a cosmologia cristã, estruturada no maniqueísmo entre o bem e o mal, Deus e o Diabo, constrói formas de subalternização racial a partir de critérios religiosos. Em suma, o racismo moderno foi e continua a ser alimentado por discursos religiosos.

O rap nas salas de aula

A utilização de músicas é comum em salas de aula, especialmente nas disciplinas de Humanidades. No caso da Sociologia, ela tem se tornado algo bastante corriqueiro. O resultado do emprego de músicas em sala de aula pode, no entanto, variar, a depender da metodologia e

⁶ “Etnocentrismo é um preconceito que cada sociedade ou cada cultura produz, ao mesmo tempo que procura incutir em seus membros normas e valores peculiares [...] Assim o etnocentrismo julga os outros povos e culturas pelos padrões da própria sociedade, que servem para aferir até que ponto são corretos e humanos os costumes alheios. Desse modo, a identificação de um indivíduo com sua sociedade induz à rejeição das outras” (Meneses, 1999, p. 19).

dos objetivos propostos pelo professor. Cristiano das Neves Bodart (2012), professor e pesquisador da área de ensino de Sociologia, faz um alerta.

A música brasileira é rica em abordagens de questões do dia a dia, próximas dos alunos, fato que seduz o professor de Sociologia a utilizá-la em sua prática docente. A variedade de temas e de focos sobre esses temas possibilita o educador incluir, com certa facilidade, músicas em seus planos de aula. O perigo se encontra em ocorrer uma inversão do objetivo de seu uso: ao invés de o professor aproximar os alunos da análise sociológica, acabar os distanciando, conduzindo-os rumo a uma análise de senso comum [...] É mais importante ensinar a pensar sociologicamente do que aprender o conteúdo abordado (Bodart, 2012, p. 14).

Sendo assim, a utilização de músicas no ensino de Sociologia é algo que requer muito preparo e planejamento. Sempre será necessário um exercício de contextualização histórico-cultural, assim como reflexões acerca de como se pode criar uma abordagem própria das Ciências Sociais.

Lembre-se, a canção não é um recurso didático, mas pode ser recontextualizada para o uso didático. Ao dizer que a canção não é um recurso didático, chamo a atenção para o fato de que sua produção não teve a intencionalidade pedagógica própria para o espaço escolar. (Bodart, 2021, p. 26)

O projeto em questão visou contribuir com uma temática que, conforme descrito anteriormente, tem sido de difícil abordagem por parte dos educadores. Vários pesquisadores (Filizola; Botelho, 2019; Cunha Júnior, 2009; Russo; Almeida, 2015) procuram discutir possibilidades de ensino sobre a cultura religiosa afro-brasileira. Propomos aqui trabalhar em sala de aula, especialmente na disciplina de Sociologia, com a obra de dois jovens *rappers* brasileiros: Rincón Sapiência e Baco Exu do Blues. O primeiro, também conhecido como Manicongo, é o personagem artístico criado por Danilo Albert Ambrosio, paulistano nascido em 9 de setembro de 1985. Sua carreira teve início no ano 2000, mas somente em 2009, com o *single* “Elegância”, Rincón Sapiência tornou-se conhecido no cenário do rap nacional. Com inspirações que passam pelo *funk* e terminam em múltiplos ritmos africanos, o álbum “Galanga Livre”, lançado de maneira independente em 2017, é a principal obra do *rapper* até o momento. Nele, a faixa inicial, “Crime bárbaro”, narra o assassinato cometido por um escravo contra um senhor de engenho. Também está nesse álbum seu principal sucesso, a música “Ponta de Lança”, a qual faz menção a uma série de personagens e situações da cultura afro-brasileira. No *single* “Metete dança”, a temática afro-religiosa é diretamente citada: “Boto fé na justiça de Xangô/ Não foi Eva que comeu a maçã/ A quebrada é ouro, Oxum/ A quebrada é Cyclone, Iansã/ Juliet na cara, combo no balde/Não se assuste com o meu clã/ Os muleque é ruim, mas não é do mal/ É tipo Exu, não é Satã”.

Nascido em Salvador, em 11 de janeiro de 1996, Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo, artisticamente conhecido como Baco Exu do Blues⁷, é um dos principais nomes do rap nacional. A denúncia do racismo religioso atravessa boa parte de sua obra.

Seu álbum de estreia (2017) também se chama *Esú* (grafia aproximada do nome do orixá no idioma iorubá), assim como a terceira faixa do disco. A que abre, “Intro”, também cita o deus africano: “Senti Exu/Virei Exu”, canta o rapper. “Exu é o dono da rua/foi ele quem veio de lá/seu reinado é do povo da lira/mensageiro, ele vai te ajudar”, diz o ponto que encerra a música. O mesmo acontece na segunda, “Abre caminho”: “Abre caminho, deixa o Exu passar/Dá licença, deixa o karma da cena passar/Não entra na roda punk sem pedir pra Exu/Não entra no mar sem pedir pra Iemanjá/Desrespeite a fé dos pretos, saiba por que eu sou Exu”.⁸

A música que dá nome ao seu segundo álbum, “Bluesman”, possui letra e um vídeo clipe cujas narrativas também abordam o racismo religioso presente na sociedade brasileira⁹.

A ideia foi trabalhar não somente com as letras de músicas, mas com toda a estética presente na obra desses artistas, tentando transmitir aos alunos símbolos que possam auxiliar na desconstrução da forma negativa através da qual as religiões afro-brasileiras são costumeiramente representadas. O movimento *hip-hop*, desde o seu surgimento no bairro do Bronx, em Nova York, na década de 1970, sempre foi considerado uma manifestação cultural produzida pelo que Paul Gilroy (2001) chamou de “Atlântico Negro”.

No caso brasileiro, desde fins dos anos 1980, grupos como *Racionais MC's*, *RZO* e *Thaíde & DJ Hum* passaram a retratar a situação de pobreza e violência através das quais jovens das periferias da cidade de São Paulo estavam submetidos, destinando um enfoque especial para o racismo e a violência institucional promovida pelo próprio Estado. Como uma espécie de “crônica” da realidade desses territórios, logo o *rap* ganhou força e visibilidade em diferentes regiões periféricas do país, denunciando os limites do processo de redemocratização brasileiro. Até que, no final da década de 1990, ultrapassou as fronteiras das periferias e tornou-se admirado até mesmo por jovens de classe média, mesmo sem deixar de ser “a voz das quebradas”.

Da sua origem até chegar ao Brasil, esse gênero sempre esteve intimamente atrelado à população marginalizada predominantemente negra, e, consequentemente o rap é um dos movimentos culturais intrinsecamente associado aos processos de constituição e de consolidação de identidades afro-brasileiras. Outro elemento importante para a escolha do rap é o tripé “temática,

⁷ Baco é o deus romano do vinho e da embriaguez. Exu é um orixá africano. E *Blues* é o gênero musical criado pelos negros norte-americanos no século XIX.

⁸ https://revistatrip.uol.com.br/trip/exu-ganha-destaque-no-trabalho-de-artistas-como-elza-soares-baco-exu-do-blues-edgard-meta-meta?utm_source=facebook&utm_medium=trip&utm_campaign=exu-ganha-destaque-no-trabalho-de-artistas-como-elza-soares-baco-exu-do-blues-edgard-meta-meta&fbclid=IwAR2g3hecLexDIEqIN4t2JF9PbQOuSTNHdYJwqbyMswUJ-TChAVo4JDqWSU0, acessado em 22/03/2022, às 18 hs.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=-xFz8zZo-Dw>, acessado em 22/03/2020, às 19 hs.

musicalidade e linguagem juvenil”, pois o rap é um dos gêneros musicais com maior aderência e ressonância na juventude de grande parte das cidades brasileiras e, em especial, na população jovem dos grandes centros urbanos. [...] Temáticas que envolvem problemas sociais, processos de resistência e empoderamento estão presentes nessas canções, apresentando temas bastante relevantes na vida dos nossos alunos, e por isso, há um potencial processo de identificação (Celeste, 2019, p. 44).

O rap sempre teve como ponto de inflexão, portanto, os processos de racialização da modernidade ocidental. No caso dos dois rappers aqui mencionados, acredita-se que eles possuem um valor pedagógico a ser aproveitado, especialmente quando se trata de pensar estratégias didáticas que visam combater o racismo religioso presente na sociedade brasileira. Se, conforme Bodart (2012) chamou a atenção, o mais importante é fomentar nos alunos uma forma sociológica/crítica de pensar, rompendo assim com reproduções do senso comum, é de suma importância desconstruir os estereótipos pejorativos sobre as religiões de origem afro, enfatizando a lógica racista através da qual eles operam.

Abordando o racismo religioso nas salas de aula

A primeira etapa empírica da pesquisa aconteceu ainda durante o ano de 2021. Devido à pandemia de COVID-19, as escolas do país todo estavam em regime remoto de ensino. Não era diferente na Escola Estadual José Garcia Leal, de Paranaíba, colégio onde o projeto foi desenvolvido. Sendo assim, primeiramente, resolvemos elaborar um vídeo para abordar o assunto. Nesse material, abordou-se desde o conceito de racismo religioso até a obra dos dois músicos citados. Porém, poucos alunos e alunas acabaram assistindo ao referido vídeo, a maior parte deles por problemas de acessibilidade - falta de celular ou computador e/ou de acesso a uma internet de qualidade. Resolveu-se, então, voltar com o projeto no segundo semestre de 2022, quando o ensino presencial já havia retornado de maneira definitiva.

É bom pontuar que partilhamos do método de ensino de Paulo Freire (1996, p.22), que está embasado em não “transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Logo, acredita-se que a abertura ao diálogo, debates e exposições de opiniões é fundamental para construir uma relação de respeito entre professor(a) e estudantes, assim como entre os/as próprias/os estudantes, contribuindo também para o desenvolvimento da capacidade de análise crítica da realidade. Visando essa abertura ao diálogo, foi utilizado o método de ensino expositivo-dialógico, estimulando a participação dos alunos e alunas e, portanto, colaborando para uma reflexão crítica a respeito da temática trabalhada.

Desta maneira, o Projeto foi desenvolvido em duas turmas do primeiro ano do ensino médio, 1º ano D e 1º ano A. A primeira intervenção presencial ocorreu com a turma do 1º ano D, numa quarta- feira, dia 16 de novembro de 2022. Compreendendo a dinâmica das/dos

estudantes, sendo uma turma mais ativa, com alunos e alunas que geralmente conversam e atrapalham o andamento da aula, pode-se observar que, mesmo diante dessa conjuntura e de algumas intervenções feitas, houve interesse e participação de um número significativo de estudantes. Começamos escrevendo na lousa “Exu não é Satã”, indagando a turma se sabiam o significado da palavra “Exu” e o porquê dessa frase. Logo em seguida, uma aluna, demonstrando interesse pelo assunto, respondeu com propriedade que Exu é um orixá cultuado pelas religiões do candomblé e umbanda, assim como é, também, representado muitas vezes como uma entidade que faz o mal para as pessoas, deixando claro em seu argumento que seria essa uma noção preconceituosa. Após a resposta da aluna, outras/os estudantes também responderam à pergunta, ora manifestando aproximação e certo conhecimento sobre o assunto, ora distanciamento e falta de conhecimento. No entanto, pude observar também comentários dentro da perspectiva do senso comum, como no caso da utilização do termo “macumba” de forma pejorativa por um aluno que demonstrou conhecer Exu como uma figura marcada pela realização de “magia negra”.

Depois desse primeiro contato com a temática, foi explanado aos/às estudantes que a aula teria respaldo na Lei 10.639, a qual tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em toda a rede básica de ensino. Deste modo, abordou-se a relevância da aula como forma de discutir e conscientizar sobre o combate ao racismo contra as religiões de matriz africana, como também a sua importância para a cultura e identidade nacional. Feito isso, buscou-se promover o estranhamento e a problematização de suas falas, trazendo, à luz das explicações sociológicas, a desnaturalização das ideias pré-concebidas sobre a temática. Para isso, por meio da leitura de um trecho da obra *Exu: de mensageiro a diabo*, de Reginaldo Prandi (2011), abordou-se o significado e a importância de Exu para as religiões de base africana, enfatizando seu caráter de divindade e ancestralidade, desmistificando os termos “diabo”, “magia negra”, “macumba” e a ideia segundo a qual ele apenas faz “maldade”. Com esse objetivo, elucidou-se que o tratamento dado ao orixá e às religiões de matriz afro decorrem de um processo de dominação etnocêntrico (conceito anteriormente explicado, especificamente no 1º bimestre), fruto de uma visão cristã e eurocêntrica, a qual deturpou e demonizou os credos e crenças da população negra, evocando, ainda hoje, concepções negativas sobre essa última.

Em seguida, adentramos na temática do *racismo religioso*, pontuando primeiramente questões históricas relacionadas à origem e à diferença entre as religiões de matriz africana representadas pelo candomblé e umbanda, explicando o conceito de sincretismo religioso e sua relação na constituição de tais religiões. Foi pontuado também, brevemente, o processo histórico da abolição da escravidão no Brasil, seus desdobramentos e consequências, como o racismo estrutural. Também foi enfatizada a diferença entre os termos intolerância religiosa e

racismo religioso, trazendo, por fim, o rap nacional e sua forte representação enquanto discurso político por meio dos *rappers* Baco Exu do Blues e Rincon Sapiência.

Ao explicar sobre a diferença entre racismo religioso e intolerância religiosa, abordei alguns casos de violência contra pessoas adeptas das religiões de matriz africana os quais ganharam visibilidade midiática em âmbito nacional, assim como também o relato de um caso divulgado na mídia local, com o intuito de, trazendo exemplos que emergem do próprio cotidiano no qual estão inseridas/os, gerar identificação com a realidade dos/as alunos/as. Após essa explicação, alguns questionamentos foram feitos para fomentar o debate, tais como; vocês conhecem algum dos casos apresentados? Já sofreram ou conhecem alguém que já sofreu discriminação por ser adepto ou adepta de uma religião de matriz africana? Por que podemos dizer que casos como esses são frutos do racismo estrutural?

Por conseguinte, partindo das observações feitas, verificou-se que, a partir do espaço proporcionado pelo levantamento dos questionamentos, algumas alunas e alunos, expressaram indignação com os casos apresentados e assinalaram conhecer um deles por sua recente visibilidade na mídia. Também relataram outros episódios de discriminação que assistiram em reportagens sobre as religiões de matriz afro. Uma aluna negra do 1º ano D, a qual demonstrou interesse pela temática e esteve participativa desde o início da aula, relatou ser praticante da umbanda e ter receio de comentar sobre sua crença em determinados lugares.

O último momento da aula pautou-se na abordagem do movimento artístico e cultural do *hip-hop*, deixando claro também a sua resistência política e de contestação à realidade social vivenciada pela população negra e periférica. A partir disso, promoveu-se uma interlocução acerca do rap como alternativa para desenvolver um olhar sociológico sobre a realidade social. Ficou constatado que, apesar da influência desse estilo musical, muitas/os estudantes não conheciam os cantores e suas músicas. Com base nesse diálogo, explanei que os discursos propostos pelos *rappers* em suas letras traziam um olhar desnaturalizado e crítico sobre as problemáticas sociais, com ênfase na lógica racista que cerceiam as religiões de matriz afro e de como podemos compreender e questionar os mecanismos que operam tal lógica. Por fim, distribuimos para a turma, em folha sulfite e no grupo do whatsapp, o *link* do vídeo produzido¹⁰. Além disso, também deixamos uma questão para que as/os estudantes dissertassem, com suas palavras, sobre o que entenderam a respeito do termo racismo religioso e, assim, expressassem o que acharam da aula.

No sentido do que foi exposto até aqui, passamos a abordar a intervenção junto à turma do 1º ano A, ocorrida numa quinta-feira, no dia 17 de novembro de 2022. Constatamos que, de

¹⁰ Agradecemos a Guilherme de Almeida Camin, então estudante de Direito da UEMS/Paranaíba, por ter nos auxiliado com o processo de edição desse vídeo.

forma geral, a turma, mesmo agitada de início, esteve mais atenta à aula e manifestou interesse pela temática após observarem a frase “Exu não é Satã”. Inclusive, uma aluna e um aluno sentaram nas carteiras da frente, as quais estavam vazias, exatamente para terem uma maior participação na aula. Na observação feita a partir da dinâmica inicial, notou-se que, além das/dos estudantes participarem trazendo contribuições que constataram certa compreensão do preconceito existente contra as religiões de matriz africana, duas alunas evidenciaram, também, o elemento racial como constituinte dessa concepção negativa associado ao orixá Exu. Ressalto que a participação das duas alunas ocorreu durante toda a aula, demonstrando não só interesse pelo assunto, mas conhecimento, olhar crítico e reflexivo sobre o racismo religioso presente na sociedade brasileira por meio das contribuições e exemplos apontados.

Assim, ao explicar sobre a importância da assimilação do sincretismo religioso como componente das religiões afro-brasileiras, uma vez que mantém elementos de diferentes práticas religiosas, principalmente da Igreja católica com seus ritos e santos, as duas alunas complementaram dizendo que o preconceito racial contra a população negra acabou perseguindo também as religiões de matriz africana e as forçou, portanto, a adotarem elementos católicos como uma forma de manter a identidade africana. Nesse momento, uma das alunas relatou ter familiaridade com a umbanda pelo fato de sua mãe ser praticante da religião, e trouxe o exemplo de Iemanjá como sendo a representação pela umbanda da Nossa Senhora da Conceição.

Outro aspecto importante da aula nessa turma está relacionado à explicação sobre a diferença dos termos "racismo religioso" e "intolerância religiosa" - e como o termo racismo religioso está relacionado especificamente às religiões de matriz africana, diferentemente de religiões que não sofrem com o problema da discriminação com base na cor da pele. Nesse instante, uma aluna demonstrou claro desconforto e argumentou existir também muito preconceito contra evangélicos. Nesse momento, notando sua exaltação, e com o intuito de não desmerecer a sua experiência, que é legítima, buscou-se esclarecer a diferença da intolerância sofrida por sua religião e da intolerância sofrida pelas religiões de matriz afro, especificando o seu caráter racial e estrutural.

Em seguida, ao realizar algumas interrogações a fim de promover uma análise comparativa entre o conhecimento das/os estudantes e os conceitos científicos trabalhados (além de citar alguns casos de racismo religioso contra pessoas adeptas das religiões de matriz africana), foi possível observar que, assim como na turma do 1º ano D, as/os estudantes do 1º ano A demonstraram conhecimento e indignação sobre alguns casos apresentados. No entanto, ao contrário da turma do 1º ano D, os alunos e alunas do 1º ano A responderam à pergunta “Por que podemos dizer que casos como esses são frutos do racismo estrutural?” a partir de argumentos mais embasados.

Por fim, abordamos o movimento político e crítico ao racismo religioso presente no cenário do *rap* nacional, em específico, na obra dos *rappers* Baco Exu do Blues e Rincón Sapiência. Diferentemente da outra turma, a qual estava mais agitada e necessitou de algumas interrupções durante a aula, no 1º ano A, houve maior colaboração. Dessa maneira, foi possível apresentar por meio do projetor da escola o vídeo de 10 minutos elaborado no ano anterior. Outro ponto observado, o qual difere da turma anterior, é que ao perguntar se conheciam os *rappers*, o aluno que sentou em uma das carteiras da frente no início da aula, disse conhecer somente o cantor Baco Exu do Blues e o considerar uma referência musical. Verificamos que a experiência de apresentação do vídeo foi positiva entre as/os estudantes, uma vez que estiveram atentos e atentas durante a transmissão do mesmo.

Ao finalizar o vídeo, foi aberta uma discussão para que as alunas e alunos pudessem comentar o que acharam dos trechos da música e das entrevistas. Uma aluna argumentou que achou importante o relato de Rincon Sapiência sobre o reconhecimento de sua identidade e como isso contribuiu para aceitação de seus traços fenotípicos, como boca, nariz e cabelo. Outro estudante comentou que achou importante o trecho do vídeo no qual a acadêmica Natalia afirma que as imagens da população negra foram embranquecidas pela história, como no caso da figura de Jesus Cristo. Tal comentário trouxe reflexividade e despertou entre alguns alunos, ainda que de forma sucinta, debate, como no caso do aluno que confirmou que só encontra imagens de Jesus branco, loiro e de olhos claros. Outro estudante demonstrou ser algo novo para ele a imagem de Jesus como um homem não branco. Assim, dentre outros comentários que surgiram, principalmente durante a passagem das letras das músicas “KK King” e “Bluesman”, de Baco Exu do Blues, demonstrando que os/as estudantes se interessaram pela abordagem do vídeo.

Pudemos observar na devolutiva das atividades realizadas pelas/os estudantes do 1º ano D, sendo um total de quatorze (14) atividades, que todas as escritas apresentaram a importância do projeto no enfrentamento ao racismo religioso contra as religiões de matriz africana. Grande parte das atividades constaram também a compreensão do contexto histórico colonial por trás do racismo religioso e, assim, a compreensão do componente racial que age como mecanismo de opressão contra as religiões de matriz africana. Já em relação a turma do 1º ano A, em cerca de quatro (4) atividades realizadas foi constatada, de forma bem sucinta, a importância do *rap* no combate ao racismo religioso, abordando a sua origem afro e o fato de também ser alvo de discriminações.

Outro aspecto positivo foi observado após o encerramento das aulas vinculadas a esse projeto, como é o caso de uma aluna negra da turma do 1º ano D, mencionada anteriormente como praticante da religião umbanda. Na semana seguinte, essa aluna expressou sua gratidão

pela temática abordada em aula e, entusiasmada, mostrou o seu trabalho confeccionado em cartolina para a disciplina de história, referente ao Dia da Consciência Negra. O trabalho incluiu a história da umbanda, nomes de alguns orixás, imagens recortadas e legendas explicativas sobre a religião.

Outro retorno constatado foi dado por uma aluna negra que relatou ter passado a ouvir as músicas de Baco Exu do Blues após escutar as músicas "Bluesman" e "BB King" durante as atividades em sala de aula. Tal relato demonstra o impacto direto do projeto na vida das/os estudantes. Assim sendo, enfatiza-se a influência positiva do projeto em despertar o interesse e ampliar os horizontes culturais, evidenciando que o rap não apenas proporcionou um debate sociológico sobre a realidade social, mas também influenciou a busca pelo conhecimento além do ambiente escolar. Além disso, esse relato ressalta o poder transformador da abordagem do rap no combate ao preconceito e racismo religioso, já que a aluna passou a se interessar por um artista cujas músicas abordam questões relevantes para o tema.

Portanto, nota-se que a conscientização do combate ao racismo religioso por meio das músicas e discursos relacionados ao trabalho artístico e político dos *rappers* Baco Exu do Blues e Rincón Sapiência trouxeram reflexões que contribuíram para a desnaturalização de práticas tidas como naturais. As experiências aqui relatadas apontaram, de forma geral, que o formato da aula voltado para o diálogo e debate entre professor/a e estudantes, assim como a presença do recurso didático proposto pelo vídeo, possibilitaram o desenvolvimento da presença dos princípios epistemológicos caracterizados pela OCEM-Sociologia, que é o estranhamento e a desnaturalização dos/das educandas/os, sendo "o estranhamento uma condição necessária às Ciências Sociais", e "a desnaturalização o papel central que o pensamento sociológico realiza" (Sociologia, 2010, p. 46 – 47). Deste modo, a experiência pedagógica corroborou para a compreensão dos mecanismos que promovem deturpações e silenciamentos à liberdade das pessoas adeptas das religiões de matriz africana.

De um modo geral, a pesquisa demonstrou que o *rap* pode ser uma ferramenta chave de conexão na tradução dos conceitos sociológicos, contribuindo, no caso da proposta de pesquisa aqui apresentada, na promoção do diálogo, reflexão crítica e o combate ao preconceito e racismo religioso. Podemos perceber, além do mais, como a figura de Exu continua sendo associada a representação cristã do Diabo e, conseqüentemente, da maldade.

Considerações finais

A pesquisa aqui relatada, desenvolvida na Escola José García Leal, está em consonância com a Lei 10.639/03, que torna obrigatória a inserção dos conteúdos curriculares referentes à história e à cultura afro-brasileira. Possibilitou, assim, estranhamentos e desnaturalizações, bem como reinterpretações do contexto social influenciado pela hierarquia colonial e o cristianismo, estabelecendo um dos deveres da escola: garantir um ambiente voltado para relações de alteridade e de respeito à pluralidade religiosa. Conforme Junior aponta: “[...] falar de Umbanda e Candomblé nas escolas deve ser na direção do esclarecimento sobre a importância destas na cultura brasileira e também no sentido de combater os preconceitos e racismos contra a população e a cultura” (Cunha Júnior, 2009, p.98).

A escola é um espaço que, para além das múltiplas aprendizagens formais, também se faz um espaço de socialização. Logo, os alunos e alunas aprendem por meio das vivências contidas no dia a dia da vida escolar. Conforme mencionado por Munanga (2005, p.15): “Os mesmos preconceitos permeiam também o cotidiano das relações sociais de alunos entre si e de alunos com professores no espaço escolar”. Por esse motivo, o currículo, a prática pedagógica, assim como as atitudes do corpo pedagógico no contexto da rotina escolar precisam estar imbuídos de responsabilidade social, alteridade, formação ética e valorização dos direitos humanos, a fim de incluir e agregar alunas e alunos, estimular o pensamento crítico e contribuir para uma educação democrática e pluralista.

Atualmente, a Sociologia escolar vem atravessando diversos desafios na esfera político-institucional, como tentativas de reforma do Ensino Médio e a presença de movimentos conservadores no âmbito das escolas, os quais têm contestado a sua própria legitimidade enquanto disciplina. Sendo assim, mais do que nunca, o debate acerca de suas metodologias de ensino se faz necessário (Pereira, 2015, p. 266). A ideia de elaborar estratégias didáticas para o combate ao racismo religioso na educação básica, principalmente no contexto da escola pública, é uma tentativa de descolonizar a estrutura do nosso sistema educacional; sem isso, talvez não seja possível, sequer, o avanço de propostas antirracistas para a educação e, inclusive, o futuro do ensino de Sociologia.

[...] o processo de institucionalização do ensino de sociologia no Brasil, em suas dimensões burocráticas e legais, dependem dos contextos histórico-culturais, das teias complexas das relações sociais, educacionais e científicas, que atuaram e atuam na configuração do campo da sociologia a partir de sua relação com o sistema de ensino” (Silva, 2007, p. 405)

É dentro dessa perspectiva que a experiência aqui analisada aconteceu, buscando desnaturalizar e questionar as estruturas hierárquicas que engendram desigualdades, violências e discriminações contra a população negra e sua cultura. Para isso, a realização das aulas se deu por meio do que bell hooks (2020) denomina de *pedagogia engajada*, ou seja, incentivando a

participação das/os estudantes, nutrindo o diálogo como um método de desenvolver a troca dialética e o pensamento crítico das/os estudantes. Para tanto, a utilização das obras de Baco Exu do Blues e Rincón Sapiência demonstraram-se como eficientes mediadores do debate acerca do racismo religioso para as aulas de Sociologia.

A canção é uma manifestação artística produzida e reproduzida em diferentes tempos-espacos, por isso, marcada por variações estéticas e narrativas, bem como apresentando fins diversos e representando diferentes mundos sociais. Nesse sentido, revela aspectos das muitas faces das variadas realidades sociais. São justamente essas características que tornam o uso da canção como uma opção para o ensino de Sociologia (Bodart, 2021, p. 17).

E, para combater o racismo religioso, mostrou-se fundamental desconstruir as representações hegemônicas que se fixaram em torno da imagem de Exu.

Bibliografia

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. “Em torno das ‘Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: uma conversa com historiadores”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jun. 2008.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BODART, Cristiano das Neves. O uso de letras de músicas nas aulas de Sociologia. *Revista Café com Sociologia*, v.1, n. 1, p. 13-26, nov. 2012.

BODART, Cristiano das Neves; AZEVEDO, Gustavo Cravo; TAVARES, Caio dos Santos. Ensino de Sociologia: processo de reintrodução no ensino médio brasileiro e os cursos de Ciências Sociais/Sociologia (1984-2008). *Debates em Educação*, Maceió, v. 12, n. 27, p. 214-235, maio/ago. 2020.

BODART, Cristiano. *Usos de canções no ensino de Sociologia*. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

CELESTE, Sandro José. *Ensino de História, Canções e Identidades Afro-brasileiras: o rap como possibilidade*. Dissertação de mestrado (Ensino de História). Universidade Federal de Santa Catarina, 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. “Candomblés: como abordar esta cultura na escola”. *Revista Espaço Acadêmico*. N. 102, p. 97-103, novembro de 2009.

DEUS, Lucas Obalera. “Entre a bíblia e o oxê: perseguição às comunidades religiosas de matriz africana”. *REH*. Ano V, vol. 5, n. 9, p. 119-153, jan./jun. 2018.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. *Revista Brasileira de Educação*, nº 5-6, maio-dez/1997

FERNANDES, Nathália Vince Esgalha. *A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. Gira epistemológica*. Vol. 1. N. 1., p. 117-136, Jan-Jun, 2017.

FILIZOLA, Gustavo Jaime; BOTELHO, Denise Maria. Lei 10.639/2003: caminhos para desconstrução do racismo epistêmico/religioso no ambiente escolar. *Revista Formação Docente, Belo Horizonte*, v. 11, n. 22, p. 59-78, set./dez. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

HATUGAI, Érica Rosa. *Metodologia do ensino de sociologia*. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2017.

HOOKS, bell. *Ensinando o pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

MORAES, Amaury César. *Sociologia: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

LEANDRO, Marcos Eduardo; SANFILIPPO, Lucio Bernard. Deus e o diabo na prateleira do mercado: reflexões e narrativas de um racismo religioso vigente. *Revista Periferia*, v.10, n.1, p. 89 - 99, jan./jun. 2018.

MENESES, Paulo. *Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões*. *Revista Symposium*, Universidade Católica de Pernambuco, Ano 3, dez. 1999, p. 19-25.

MORAES, Amaury. Licenciatura em Ciências Sociais e ensino de Sociologia: entre o balanço e o relato. *Tempo Social: Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 5-20, abr. 2003.

MORAES, Amaury. Ensino de Sociologia: periodização e campanha pela obrigatoriedade. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 31, n. 85, p. 359-382, set./dez. 2011.

MUNANGA, Kabengele. *Superando o Racismo na escola*. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NOGUEIRA, Sidnei. *Intolerância religiosa*. São Paulo; Sueli Carneiro/Polen, 2020.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na educação básica. *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 35, n. 2, p. 179-189, jul./dez. 2013.

OLIVEIRA, Amurabi. Ensino de Sociologia na educação básica: expansão, retrocessos e perspectivas. *Em Aberto*, v. 34, n. 111, p. 27-40, maio/agosto 2021.

PEREIRA, Thiago. Disputas curriculares: o que ensinar de sociologia no ensino médio? *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 261-267, setembro/dezembro 2015.

PRANDI, Reginaldo. Sincretismo afro-brasileiro, politeísmo e questões afins. *Debates do NER*, Porto Alegre, ano 12, n. 19 p. 11-28, jan./jun. 2011

PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo*. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, n.50, p. 46-63, junho/agosto 2001

RUSSO, Kelly; ALMEIDA, Alessandra. Yalorixás e Educação: discutindo o ensino religioso nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, v.46, n.160, p.466-483, abr./jun. 2016.

SILVA, Ileizi Fiorelli. A sociologia no ensino médio: os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. *Cronos*, Natal-RN, v. 8, n. 2, p. 403-427, jul./dez. 2007.

SANTOS, Eufrázia Cristina Meneses. Resenha: O Atlântico Negro. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP.

Recebido em: 01 de nov. 2023.

Aceito em: 24 de fev. 2024.